

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

2



Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
2**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-050-6

DOI 10.22533/at.ed.506191601

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Espaço urbano. 3. Patrimônio cultural. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 2, apresenta 24 capítulos sobre os aspectos relevantes do espaço urbano das cidades brasileiras apresentando uma diversidade de pressuposições. Os capítulos exibem a preocupação em relatar as particularidades de caráter social, econômico, político e cultural sob as diferentes perspectivas dos autores que disponibilizaram seus estudos nesta obra.

Os capítulos se dedicam a apresentar estudos atuais como as cidades inteligentes e o potencial para desenvolvimento urbano, o direito a cidade e a crise do capital, sustentabilidade nas cidades, as comunidades tradicionais e as suas distinções culturais no campo, representações sociais nas cidades e o Patrimônio histórico com significados normativos e sociais no espaço urbano.

Neste volume, os capítulos apresentam uma riqueza de detalhes e peculiaridades do espaço urbano e suas pressuposições. A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SMART CITIES NO BRASIL - REALIDADE OU AINDA SONHO?	
<i>Patrícia Pacheco Alves de Oliveira</i>	
<i>Hugo Bona de Carvalho</i>	
<i>Beatriz Natália Guedes Alcoforado Aguiar</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916011	
CAPÍTULO 2	13
CITY MARKETING, TURISMO E IDENTIDADE: ENTRE A PERCEPÇÃO E A POTENCIALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA VILA DE PARANAÍACABA	
<i>Fernanda Figueiredo D'Agostini</i>	
<i>Tania Cristina Bordon Miotto Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916012	
CAPÍTULO 3	24
O DIREITO À CIDADE NO PROJETO ORLA	
<i>Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares</i>	
<i>Sandra Helena Ribeiro Cruz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916013	
CAPÍTULO 4	37
A CRISE DO CAPITAL E A NEGAÇÃO DO DIREITO À CIDADE	
<i>Rayssa Bernardino de Lacerda</i>	
<i>Maria de Lourdes Soares</i>	
<i>Edna Tânia Ferreira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916014	
CAPÍTULO 5	47
RELAÇÕES HUMANAS E SUSTENTABILIDADE SOCIAL: A REALIDADE DAS CIDADES	
<i>Elisangela Artmann Bortolini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916015	
CAPÍTULO 6	60
IMPACTOS TERRITORIAIS NA COMUNIDADE PESQUEIRA DE MANGUINHOS (SERRA/ES): UM ESTUDO DE CASO	
<i>Pauliane Gonçalves Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916016	
CAPÍTULO 7	84
PRODUZIR CONVENCIONALMENTE OU INOVAR? O MAPA DA ACEITAÇÃO: A SUBJETIVIDADE EM JOGO - ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ANDER RODOLFO HENRIQUE DIAMANTE D'OESTE PARANÁ	
<i>Andre Luiz de Souza</i>	
<i>Miguel Ângelo Lazzaretti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916017	

CAPÍTULO 897

POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: SINGULARIDADE DA EXISTÊNCIA E CONFLITOS COM O AGRONEGÓCIO

Anatália Daiane de Oliveira Ramos
Cristiano Apolucena Cabral
Eva Emilia Freire do Nascimento Azevedo
Edson Caetano

DOI 10.22533/at.ed.5061916018

CAPÍTULO 9 109

MESSIANISMO E CANGAÇO DESVENDADOS EM VERSO E PROSA

Dora Vianna Vasconcellos

DOI 10.22533/at.ed.5061916019

CAPÍTULO 10 120

NOS RASTOS DA FEIRA INTERNA E EXTERNA

Thiago Oliveira da Silva
Anderson Przybyszewski Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160110

CAPÍTULO 11 129

DA ILHA A METRÓPOLE: PARTICULARIDADES E CONSEQUÊNCIAS DE UM PERCURSO CERCADO DE PERSPECTIVAS, DESILUSÕES E DISTINTAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Clícia Danielly Barbosa Alcântara
David das Neves Aires
Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia

DOI 10.22533/at.ed.50619160111

CAPÍTULO 12 140

CONTRADIÇÕES DO ESPAÇO SOCIAL: ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES CONTRÁRIAS À MINERAÇÃO DE OURO EM PARACATU, MG

Luís Fernando Silva Andrade
André Luiz de Paiva
Valderí de Castro Alcântara
Flávia Luciana Naves Mafra

DOI 10.22533/at.ed.50619160112

CAPÍTULO 13 159

O CENÁRIO HABITACIONAL E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO IDOSO BRASILEIRO

Eleusy Natália Miguel
Simone Caldas Tavares Mafra

DOI 10.22533/at.ed.50619160113

CAPÍTULO 14 170

A JUDICIALIZAÇÃO DA QUESTÃO AGRÁRIA: QUILOMBO BOA VIDA MATA CAVALO

Elen Carolina Martins
Marluce Aparecida Souza e Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160114

CAPÍTULO 15..... 185

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA DOCUMENTAL EM RUAS COMERCIAIS DE INTERESSE HISTÓRICO: O CASO DA AVENIDA DUQUE DE CAXIAS EM LONDRINA-PR

Eloisa R. Ribeiro Rodrigues

Elisa Roberta Zanon

Letícia Cabrera

DOI 10.22533/at.ed.50619160115

CAPÍTULO 16..... 202

O MERCADO IMOBILIÁRIO COMO DOCUMENTO: O CASO DO APARTAMENTO CONTEMPORÂNEO DO SÉCULO XXI NA CIDADE DE SÃO PAULO

Gabriela Tiemi Minagawa Yokota

Sandra Regina Casagrande de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.50619160116

CAPÍTULO 17 221

BOA ESPERANÇA ONTEM E HOJE: A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE FURNAS.

João Paulo Chagas Maia Vilela

Mauro Santoro Campello

DOI 10.22533/at.ed.50619160117

CAPÍTULO 18..... 237

IMAGEM E ARQUITETURA: DIÁLOGOS ENTRE IDENTIDADE E MEMÓRIA SOCIAL NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS EM PALMAS – TO

Thiago Henrique Omena

Bruna Coelho Alves Meneses

Estéfani Marx

Lourranny Parente Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160118

CAPÍTULO 19 253

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO: DOCUMENTO E INSTRUMENTO DA POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO

Claudiana Cruz dos Anjos

DOI 10.22533/at.ed.50619160119

CAPÍTULO 20 270

MOTIVOS PARA INVENTARIAR O INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL – 1942, NA CIDADE DE PELOTAS/RS

Lisiê Kremer Cabral

Ana Lúcia Costa de Oliveiras

DOI 10.22533/at.ed.50619160120

CAPÍTULO 21..... 282

A RESSIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO USO DO ESPAÇO PÚBLICO REVITALIZADO

Ana Estela Vaz Xavier

Marina Xavier Carpena

DOI 10.22533/at.ed.50619160121

CAPÍTULO 22 297

O PATRIMÔNIO URBANO E ARQUITETÔNICO DA PEQUENA CIDADE DO OESTE PAULISTA: DA PERCEPÇÃO DO LUGAR PRATICADO AO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Hélio Hirao

Matheus Alcântara Silva Chaparim

DOI 10.22533/at.ed.50619160122

CAPÍTULO 23 308

AS FONTES DOCUMENTAIS PARA CONHECIMENTO E ENTENDIMENTO DA CIDADE: A LEITURA DA MORFOLOGIA URBANA DA RUA MARECHAL DEODORO ATRAVÉS DOS INSTRUMENTOS NORMATIVOS / LEGISLATIVOS - JUIZ DE FORA/MG

Daniel de Almeida Moratori

DOI 10.22533/at.ed.50619160123

CAPÍTULO 24 321

A VERTICALIZAÇÃO E ESPRAIAMENTO HORIZONTAL COMO RESULTADO DA ATUAL CONFIGURAÇÃO URBANA DA CIDADE DE TERESINA-PI

Giesse Monteiro Alves de Andrade

Gustavo Borges Vieira

DOI 10.22533/at.ed.50619160124

SOBRE A ORGANIZADORA 335

DA ILHA A METRÓPOLE: PARTICULARIDADES E CONSEQUÊNCIAS DE UM PERCURSO CERCADO DE PERSPECTIVAS, DESILUSÕES E DISTINTAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Clícia Danielly Barbosa Alcântara

Universidade da Amazônia (UNAMA)

Belém - PA

David das Neves Aires

Universidade da Amazônia (UNAMA)

Belém - PA

Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia

Universidade da Amazônia (UNAMA)

Belém - PA

RESUMO: Buscamos alcançar o melhor que a ilha do Marajó localizada no estado do Pará possui, sua peculiaridade cultural, terra do premiado escritor Dalcídio Jurandir, sua complexidade nos impede de alcançar todas as suas particularidades, pois tem muito mais a oferecer do que os nossos olhos podem vê. Esta tão bela ilha é predominantemente marcada por hidrovias o que dificulta o acesso desta população as políticas públicas, necessitando um olhar pluralista visando à subjetividade social, cultural e econômica marajoara, tornando-se historicamente abandonada pelo poder público esta região se destaca como um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano do país. Com baixos indicadores sociais e pelo abandono público o Marajó apresenta uma série de vulnerabilidades sociais, entre elas a exploração sexual, denunciada pelo bispo da

região José Azcona, que aprisiona crianças e adolescentes submissos a esta violação da dignidade humana, nesta condição muitas delas são impulsionadas a metrópole Belém em busca de melhores condições de vida. Partindo desta inquietação que desenvolvemos este trabalho com o objetivo de dar visibilidade a esta região e também dar voz as mulheres que hoje vivem em condição de prostituição que fizeram o percurso Marajó-Belém. No decorrer deste trabalho tentamos desvelar os percalços de mulheres prostitutas que fizeram este percurso através da técnica de coleta de dados história de vida subsidiada pela pesquisa qualitativa, com entrevistas facilitadas pelo Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará. Portanto, conseguimos identificar suas próprias representações sociais, sobretudo, os fatores que as impulsionaram a uma série de vulnerabilidades sociais até a vida adulta.

PALAVRAS-CHAVE: Marajó. Mulheres Prostitutas. Representação Social.

ABSTRACT: We seek to achieve the best that the island of Marajó located in the state of Pará has, its cultural peculiarity, land of the award-winning writer Dalcídio Jurandir, its complexity prevents us from achieving all its peculiarities, as it has much more to offer than our eyes can see. This beautiful island is predominantly marked by waterways, which makes it difficult

for this population to access public policies, necessitating a pluralistic view aimed at the social, cultural and economic subjectivity of the Marajoara, becoming historically abandoned by the public power. This region stands out as one of the worst Human Development Indexes. With low social indicators and public abandonment, Marajó presents a series of social vulnerabilities, among them sexual exploitation, denounced by the bishop of the region José Azcona, who imprisons children and adolescents who are subject to this violation of human dignity, in this condition many of them are driven to the metropolis Belém in search of better living conditions. Based on this concern that we developed this work with the objective of giving visibility to this region and also give voice to the women who now live in the condition of prostitution that have made the Marajó-Belém route. In the course of this work, we attempted to uncover the mishaps of prostitute women who did this course through the data collection technique supported by qualitative research, with interviews facilitated by the Pará Women Prostitutes Group. Thus, we were able to identify (their own social representations), especially the factors that drove them to a range of social vulnerabilities into adult life.

KEYWORDS: Marajó. Women Prostitutes. Social Representation.

1 | INTRODUÇÃO

A Ilha do Marajó é uma região que possui uma beleza única e a sua ‘sutileza’ encanta com paisagens místicas entre campos e águas que influenciam no modo de ser e viver do povo marajoara. Uma região que encanta por suas praias paradisíacas e igarapés, com a culinária tipicamente de fazenda, com características próprias, como o bordado, desenho e a cerâmica marajoara. Terra de Dalcídio Jurandir romancista e jornalista, este que em seus livros sempre buscou retratar a realidade, a identidade e as formas de sobrevivência do povo da ilha do Marajó e de Belém do Pará, devido sua notória importância para o arquipélago Marajoara os nomes verdadeiros das entrevistadas será substituído por personagens de suas obras intituladas “Chove nos campos de Cachoeira”, “Marajó” e “Primeira Manhã”, autor das mais importantes obras poéticas brasileiras de expressão amazônica. O Marajó é composto por dezesseis municípios com um total de 525.347 habitantes que equivale a 6,5% da população do estado do Pará (PARÁ, 2015).

As viagens regulares Belém e Marajó são sempre por via fluvial, com possibilidade da viagem direta para alguns municípios, com saída de pequenos portos e em barcos menores. É uma região com casas às margens do rio, com a canoa amarrada na frente, significando não somente a busca pela sobrevivência, e sim o principal meio de transporte. “[...] O rio alimenta, transporta, enriquece, protege o homem: toda a população ribeirinha vive do e no rio, submissa e dócil aos seus caprichos, é escrava do rio” (FARES, 2003, p. 35). Essa particularidade exige uma análise dessa região, considerando a sua característica e a sua sutileza cultural, nesse sentido, é

imprescindível considerar o fator amazônico na ilha do Marajó.

A partir da análise de Campos (2013), a região amazônica põe um desafio diferente sobre a particularidade regional, pois pede especificidades na leitura da questão social em seu território, dando visibilidade as demandas que são próprias da região e, ao mesmo tempo, explicitar-se enquanto uma complexidade socioeconômica e política, com singularidades que não podem ser mais desdenhadas, sob pena de que as diferenças regionais aprofundem as desigualdades históricas que penalizam essa região. Conforme Piacesi (2013), essa região marajoara tem graves indicadores sociais, dentre eles a ocorrência crescente de situações de violência e exploração sexual, particularmente por ser rota de grandes embarcações que circulam em torno das comunidades ribeirinhas isoladas.

A exploração sexual no Marajó se tornou alvo de discussão, após o bispo da região, José Luís Azcona, natural da Espanha que veio para o Brasil evangelizar na Amazônia, denunciar. Foi identificado que meninas em canoas almejam alcançar as grandes embarcações, inicialmente com o intuito de vender artesanato ou frutas regionais, mas trocam sexo por óleo diesel, produtos de higiene pessoal e dinheiro. Isto ocorre predominantemente no rio Tajapuru que cerca os municípios de Melgaço, Breves e Portel.

No contexto da exploração sexual nos rios, esta relação com os homens das embarcações pode ser uma relação de afetividade, trazendo pistas para entender a sexualidade no contexto das formas de cultura local ou pode ser vista como uma forma de sobrevivência e, desse modo, esses hábitos são reproduzidos e reafirmados de geração para geração. Diante disso, muitas famílias buscam possibilidades de vida melhor, intensificando o êxodo rural como uma saída da realidade familiar.

Esse percurso foi feito por muitas crianças e adolescentes, oriundas não somente do Marajó, e sim de outros municípios paraenses. Esta é uma realidade que pode ser encontrada nas histórias de vida de mulheres já adultas no Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC), localizado na Região Metropolitana de Belém foi fundado com o objetivo de fomentar por meio de suas ações a auto organização das prostitutas. Atualmente, participa ativamente das ações de enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes e combate ao tráfico de pessoas.

Face essa realidade, inferimos que as mulheres advindas do Marajó enquanto crianças ou adolescentes que atualmente se prostituem não necessariamente carregam marcas de exploração sexual desde a infância, mas outras marcas de exploração nas suas mais diversas facetas, visto que são vítimas de diferenciadas modalidades de exploração, até o momento em que estas culminam na prostituição como forma de subsistência própria e da prole.

2 | DESENVOLVIMENTO

No intento de absorver o maior número possível de dados que nos levasse a compreensão de uma realidade, das representações sociais de mulheres vindas do Marajó que atualmente vivem em situação de prostituição em Belém, bem como os percalços desse trajeto, o perfil dessas mulheres e as possíveis marcas deixadas, apropriamo-nos da história de vida como técnica para este fim que, na ótica de Marconi e Lakatos (2010), a história de vida tenta obter dados relativos à “experiência íntima” de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto de estudo. Desse modo, utilizamos a pesquisa qualitativa atrelada à história de vida por entendermos que fazem uma combinação produtora de significativo conhecimento.

Para Spindola e Santos (2003) é importante para obtenção de dados descritivos valorizar-se mais o processo que o produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes, isto é, o significado que eles atribuem as coisas e a vida. Nesse sentido, realizamos entrevistas com mulheres, oriundas do Marajó, que hoje vivem em situação de prostituição e que em algum momento de suas infâncias ou adolescências fizeram o trajeto Marajó-Belém, entrevistas essas facilitadas pelo Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC).

As representações sociais segundo Sêga (2000) é uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação às situações. No que tange as representações sociais que podemos extrair do discurso das entrevistadas, como ponto em comum entre elas, suscitamos que as duas mulheres entrevistadas, em passagens de seus discursos, afirmam que frequentam o puteiro, no máximo, três dias por semana, ao mesmo tempo em que dizem não fazerem “quase nada”, na tentativa de criar assim um eufemismo que passe a impressão de que elas não se prostituem mais. Isso, em nossa análise, denota a necessidade que elas sentem de serem aceitas e não mais estigmatizadas pela sociedade, visto que, ao longo de suas vidas, em diversas oportunidades, sofreram preconceitos por serem prostitutas.

Os fatores financeiros aparecem com frequência acentuada nos discursos, fruto de circunstâncias diversas, compreendidos na análise detalhada de suas histórias de vida, pois enquanto crianças estiveram submetidas às vulnerabilidades que as impulsionaram ao êxodo do Marajó em direção a Belém. Em consequência de tal mudança, foram expostas a explorações que, no caso de Alaíde, se configurou primeiramente no trabalho infantil, e da Orminda a saída precoce da casa de sua mãe lhe expôs a uma vida de festas, bebidas e drogas, em que a prostituição, em seu início, se atinha a suprir as suas necessidades.

Baseando-nos nas entrevistas bem como em uma visão mais pluralista possível, arriscamos a traçar o perfil dessas mulheres vindas enquanto crianças do Marajó para Belém que atualmente se prostituem, como sendo, geralmente, crianças de famílias

humildes que nutrem a esperança de encontrar na capital uma vida melhor e um futuro que no Marajó seria mais difícil de terem. Essas crianças e adolescentes, muitas vezes, são enganadas e levadas com falsas promessas, pois, quando chegam à capital se desiludem com a realidade, visto que são, por diversas vezes, cooptadas por pessoas que lhes oferecem a oportunidade de ganhar dinheiro, moradia e alimentação em troca do usufruto de sua mão de obra.

3 | HISTÓRIA E PERCURSO DE VIDA, PROSTITUIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA

3.1 Ormindá: “Eu Tinha que Fazer Vida para Poder me Sustentar”

Ormindá, nascida no município de Salvaterra, pertencente à ilha do Marajó que por sua vez faz parte do Estado do Pará, é a caçula de nove irmãos, filha de mãe solteira que criou com muito esforço seus filhos, trabalhando de técnica de enfermagem no hospital local até se aposentar.

Ormindá estudava e cursou até o 1º ano do Ensino Médio, tinha uma vida comum, mantinha um relacionamento com um homem mais velho que conheceu aos 14 anos. Isso contra a vontade de sua mãe o que gerava alguns conflitos entre as duas; já com 15 anos Ormindá engravidou do homem com quem se relacionava, diante da situação sua mãe a expulsou de casa, assim, ela teve que se virar: “[...] Depois que ela me expulsou de casa grávida com buchão, eu tive que procurar outra pessoa pra mim morar, que me acolheu e tudo”.

Por isso, ela foi morar com uma amiga chamada Guita em Salvaterra mesmo, onde, segundo as suas palavras, começou a se prostituir, nesse primeiro momento, apenas para garantir o seu sustento e para comprar o que necessitava para o enxoval de sua filha, pois o pai desta, nunca lhe ajudou com as despesas da gravidez e, mais tarde, ficou ainda sabendo que ele era casado e, por isso, não iria realizar o sonho de casar com ele.

Transcorrido o período de gravidez, a sua filha nasceu e a sua mãe aceitou ficar com a criança, mas apenas com ela e, assim, Ormindá entregou a criança, sendo que a partir daí se intensificou ainda mais a vida de prostituição em Salvaterra mesmo pelos motéis, quartos, devido não existir piteiros na cidade, segundo Ormindá. “[...] eu tinha que fazer vida para poder me sustentar, para mim comprar minhas coisas, comprar o luxo pra mim”.

Foi então que conheceu Irene, apresentada por um rapaz com quem esta tinha um relacionamento, Irene que era irmã de Guita, a amiga que lhe acolheu durante o período de gravidez. Irene lhe disse o seguinte como narra Ormindá:

[...] Ela falou pra mim, Ormindá eu vou te levar pra um lugar que é muito bom, lá tu vai ganhar muito dinheiro, tu é novinha e bonitinha, tá, tá bom, então, aí ela pegou e me trouxe aí foi que eu gostei, aí eu aluguei um quarto pra mim e comecei a arrumar

cliente, comecei a arrumar, comecei a ganhar meu dinheiro, aí eu peguei, gostei. (ORMINDA).

Assim, aconteceu o primeiro contato de Orminda com a capital Belém, realizou a travessia a balsa, atracando em Icoaraci, veio conhecer como funcionava o que Irene outrora lhe tinha dito. Permaneceu por alguns dias apenas em Icoaraci, pois segundo Irene, não era bom de ganhar de dinheiro, seguindo logo o rumo do centro da cidade, onde se encontra até os dias atuais. Assim, a jovem menina do Marajó aluga um quarto em uma vila pagando quinze reais ao dia para ter um teto sob a sua cabeça e um lugar para atender seus clientes como a ela mesma denomina.

A partir de então ela passa viver da prostituição e atendendo seus clientes para pagar o seu quarto e proporcionar-se o luxo que sempre sonhou. Segundo Orminda, a saudade e vontade de curtir faziam com que ela voltasse ao Marajó, ficando na casa de Guita no período em que permanecia lá. Isso não fazia com que esta deixasse de se prostituir, utilizando os motéis da cidade para tal. Essas suas idas e vindas geravam comentários preconceituosos o quê, segundo esta, não lhe importava, porém gerava conflitos entre ela e quem teceu os comentários, pois lhe ofendiam e faziam com que se sentisse mal.

Orminda voltava a Belém sempre motivada pelo compromisso de pagar o quarto que ocupava o que não impedia os constantes atrasos nos pagamentos, pois, de acordo com seu relato, ela gostava muito de “farra” e rotineiramente saía com homens para beber pelos bares, virava noites e ao fim dormia com eles para que pagassem o quarto em que morava. Orminda relata que sempre os tratou bem para que houvesse reciprocidade, o que sempre deu certo, segundo ela, em virtude de nunca ter sofrido nenhum tipo de violência por parte de seus clientes.

Houve tempos bons e outros não tão bons para Orminda financeiramente, fato este que a fez peregrinar por diversos locais em busca do sustento, usando o que lhe era disponível, ou seja, seu corpo, relatando que “[...] a pessoa não tem paradeiro, se a pessoa quer dinheiro todo canto a pessoa vai indo”.

Assim, ela verbaliza que viajou por diversos lugares sempre atrás de clientes e curtição, destacando o município de Vila do Conde, em virtude deste ter significativo número de turistas estrangeiros, os “gringos” como ela prefere chamá-los. Motivada pelo retorno financeiro, segundo Orminda, eles pagavam sempre em euros, conforme se observa em seu discurso:

[...] lá atrás de gringo, porque gringo paga mais, paga mais, gringo só paga euro e euro vale mais, o dólar não, o dólar vale menos, aí me dava uma maluquice, eu ia embora pro interior, viajava passava semanas pra lá, pra mim esfriar a cabeça e descansar um pouco o corpo.(ORMINDA).

Passado algum tempo desde a chegada em Belém, Orminda conheceu Missunga, homem que seria importante em sua trajetória, visto que a levaria a sair da prostituição pelo menos por um período enquanto viverá um amor que, segundo ela,

foi algo diferente, já num primeiro momento, como expressa no recorte a seguir: “[...] Eu conheci ele na Gaspar Viana, eu conheci essa pessoa foi amor à primeira vista, de lá eu fui embora pro Marajó, foi só um dia que eu fiquei com ele, se apaixonou”. Por isso, Orminda retorna ao Marajó, começa a trabalhar de garçõete em uma pousada de sua cidade, ganha seu dinheiro e se afasta por alguns anos de sua vida agitada da capital, durante esse tempo mesmo distante mantém contato com Missunga por telefone, o que fortalece a expectativa de uma volta a Belém e possível reencontro.

Neste interin, porém Orminda acaba por engravidar de seu segundo filho, sendo pai o mesmo homem com o qual se envolveu em sua adolescência, filho este que depois de nascido também é dado a sua mãe para que criasse.

Orminda vive no Marajó por alguns anos e no alto de seus 23 anos resolve voltar a Belém, conseqüentemente a vida que levava na capital, o que também acarreta no reencontro com Missunga que a muito esperava por esse momento. Este que, segundo Orminda, acontece em uma boate, a partir de então, Missunga demonstra querer um compromisso sério e propõe isso a ela, o que se concretiza no momento em que passam a viver juntos, nesse primeiro momento, na casa da avó de Missunga, posteriormente ele consegue comprar um terreno no município de Ananindeua, onde constroem um quarto para viverem juntos.

A união de Orminda e Missunga durou alguns anos, mas chega ao fim, segundo ela não deu certo e terminou numa boa, ele deixa a casa para ela e vai embora. Assim, sacramentando a volta de Orminda à vida de prostituição já com seus 31 anos, uma pessoa mais madura e experiente.

Suas idas ao Marajó já não são frequentes e apenas se restringem a resolução de problemas, votar e rever seus filhos que atualmente são adolescentes e moram com a avó materna desde recém-nascidos, segundo Orminda, ela já não consegue se acostumar à vida pacata de sua cidade natal.

Hoje, Orminda entende que sua mãe já é uma senhora de idade e que já não tem mais condições nem jovialidade para dispensar a criação dos netos. Ela relata e faz planos de trazê-los para Belém, assumindo a responsabilidade por seus filhos e pelo término da criação deles. Orminda relembra que sua mãe sempre arcou com a criação de seus filhos e nunca quis que o pai das crianças desse nenhum auxílio, mesmo Orminda o tendo jogado na justiça para garantir o direito das crianças. Assim, a avó os criou com o que tinha e ajudada por Orminda que recebe Bolsa família deles e complementa a renda.

No tocante à relação entre Orminda e seus filhos, ela relata que tem uma boa relação com eles e que se comunicam por telefone também, exprime, ainda, a sua vontade de deixar a vida de prostituição e seu desejo que ninguém passe por tal situação, justifica sua permanência por ainda ter dívidas pendentes que precisa quitar.

O cenário atual, segundo Orminda, é bem diferente, pois não se ganha muito dinheiro e a dificuldade é diária. Ela, além disso, trabalha como doméstica e em serviços gerais com o objetivo de ganhar um dinheiro extra para ajudar os seus filhos.

Orminda revela que “[...] De primeiro não fazia isso, porque não me interessava ajudar os meus filhos, me interessava só farrear”.

Orminda diz que mudou bastante e que já não é a mesma pessoa, e que quando lhe perguntam se ainda vive na prostituição, responde que não, mesmo, ainda, segundo ela, indo ao puteiro pelo menos três vezes por semana. Em seu passado, Orminda revela que já usou drogas por influência do álcool e festas que participava, sendo esta uma realidade distante e que ficou no passado.

3.2 Alaíde: “Ela me Disse que Ia me Botar no Colégio e Nunca Botou”

Alaíde nascida no município de Chaves, situado na ilha do Marajó, estado do Pará, faz parte do grupo de muitas crianças que todos os dias são trazidos para as grandes metrópoles com promessas que nunca se cumprem.

Alaíde teve uma infância humilde na zona rural de Chaves, num vilarejo chamado Danilão. É filha mais nova de três irmãs e desde cedo precisou trabalhar para ajudar a sua mãe D. Abigail, em uma fazenda também localizada na zona rural de Chaves. Ajudava a mãe nos trabalhos da fazenda que esta cuidava e com seus 13 anos de idade não estudava, em virtude de não possuir escolas para ela, onde morava, então, a dona da fazenda que atendia pelo nome de D. Amélia, propôs a D. Abigail que, em virtude de Alaíde não estudar poderia levá-la para Belém, prometendo que colocaria Alaíde para estudar e em troca ela brincaria com o filho de D. Amélia.

Promessa essa que nunca se cumpriu, pois Alaíde ao chegar a Belém para morar com D. Amélia, jamais pôs os pés na escola, se viu num lugar novo sem ninguém diante de uma situação em que servia de escrava, segundo o seu próprio relato:

[...] Ela nunca me botou no colégio; só era escrava de fazer as coisas na casa dela, fazia tudo sabe, ate café que ela podia comprar o moinho ela num comprava, ela mandava eu torrar no torrador de ferro e coar na peneira, bater no pilão e coar na peneira. (ALAÍDE).

Nessa situação, Alaíde, agora em Belém, sozinha, era mantida quase que em prisão domiciliar, visto que, segundo ela, D. Amélia não a deixava falar com ninguém, pois não queria que soubessem que era uma escrava dos serviços domésticos. Dessa maneira, Alaíde vivia em função dos trabalhos da casa, atendendo às visitas, lavando, passando, fazendo comida, encerando a casa, absolutamente sozinha e sem receber nenhum tipo de remuneração.

Alaíde além de ser explorada, ainda, estava sujeita a todo tipo de maus tratos sejam eles físicos ou psicológicos, retratando em sua fala, as frustrações de uma infância permeada pela exploração como segue em seu discurso:

[...] Ela comprava uma roupa velha de chica ou dessas roupas de vaqueiro sabe, ai ela não me dava dinheiro, sapato ela me dava dos piores que tinha. Às vezes, eu chorava e dizia que um dia eu ia ter minha casa, meu dinheiro pra eu fazer o que

eu quisesse. (ALAÍDE).

Depois de um tempo Alaíde cresceu e mesmo sem autorização saía escondido de D. Amélia para se libertar um pouco da prisão que vivia, foi então que conheceu Alfredo, o pai de seu primeiro filho, com 16 anos, Alaíde engravidou, findando assim o período em que permaneceu na casa de D. Amélia, mudando-se então, para a casa de seu primo, onde teve seu primeiro filho e logo, em seguida, o mandou para que sua mãe o cuidasse em Danilão.

Alaíde, então, começou a trabalhar como doméstica e, logo, adquiriu a sua independência, passando assim a morar sozinha em um quarto alugado, após vários anos, ela conheceu outra pessoa Coronel Coutinho com quem começou a se relacionar e que pouco depois já estava morando junto a ela em seu quarto, desse relacionamento, Alaíde, mais uma vez, engravidou e, dessa vez, o fruto foi uma menina.

Depois de seis anos juntos e pouco tempo depois que a criança nasceu, Coronel Coutinho a deixa e Alaíde fica em situação complicada com uma criança de colo para cuidar, morando de aluguel na Bom Jardim no Jurunas, e sem poder trabalhar em virtude do pouco tempo de nascida que a criança tinha. Foi então que Ivânia, uma conhecida, lhe disse o seguinte: “[...] eu ti levo lá na zona que lá tu ganha teu dinheiro, a mulher te dá comida, te dá uma quarto e ai tu não passa necessidade porque o pai da tua filha te deixou agora”.

Alaíde tinha uma filha recém-nascida com quem se preocupava e não tinha com quem deixar o que Ivânia também solucionou, dizendo: “[...] deixa com uma vizinha tomar de conta, ai tu paga ela, ela toma de conta da tua filha”. “[...] Mas eu tinha medo sabe, minha filha era verde ainda”, diz Alaíde.

Diante da situação em que se encontrava, Alaíde foi impulsionada de certa forma a prática da prostituição a fim de prover a sua subsistência e de sua filha e, dessa maneira, ela foi, como revela a passagem que segue: “[...] ai eu vim, ela me trouxe né, a mulher, que ela brigou com o marido dela mandou prender ele, ela me trouxe e ficou lá também no quarto”; e assim aconteceu, Alaíde se prostituía para criar sua filha e se sustentar, travando uma batalha diária para isso.

Alaíde, hoje, com 73 anos, vive uma situação de prostituição, seus filhos atualmente estão adultos e o menino mora com ela, a menina vive no bairro do Benguí com seu companheiro e a neta dela. Sua mãe D. Abigail que chegou a vir para Belém morar com ela já é falecida e dentre as suas irmãs, a mais velha faleceu também, vítima de mordida de um cachorro, e a irmã do meio reside no bairro do Benguí também. Atualmente, Alaíde recebe um auxílio do governo, o Benefício de Prestação Continuada (BPC), o que lhe proporciona uma condição melhor, mesmo com o desconto de um empréstimo que fez e retém grande parte do benefício. Alaíde explica:

[...] Eu continuo, mas eu não faço quase nada, porque eu vou pra igreja, eu faço

tapete também, ai pra mim vender, eu faço de encomenda, eu faço tapete, faço coisa de ônibus, tenho até um pronto pra mim dar, mais ainda não falei com ele, o motorista, esse que eu tô fazendo, eu faço assim de pano, corto o pano e faço. (ALAÍDE).

Olhando para trás, Alaíde expressa com certo pesar o fato de sua mãe ter lhe dado a D. Amélia, visto que, segundo ela, quando a gente é criança tudo que não se quer é ficar longe da nossa mãe, mesmo que a intenção de sua mãe fosse lhe dar uma educação melhor.

4 | CONCLUSÕES

Diante das histórias de vida dessas mulheres marajoaras, identificamos que a condição socioeconômica interfere diretamente na vida das entrevistadas, pois ambas viviam com seus familiares em condições de vulnerabilidades e pelo mesmo motivo foram impulsionadas a prostituição. Revelam dependência de programas sociais do governo federal pela sua trajetória muitas vezes com a ausência da família e do Estado com as políticas sociais.

O trajeto de vida de ambas foi marcado pelas intensas dores, dentre elas a da relação com as mães, mesmo adultas apresentam esta magoa, Ormindá por ter sido expulsa de casa e Alaíde por ter sido entregue a outra família. Deste modo, retratam que independentemente da situação de pobreza que viviam, não gostariam de ter deixado para trás essa convivência familiar. Sobretudo, por ambas desconhecem seus pais e terem como referência a figura feminina presente nas famílias monoparentais recorrente na realidade do Marajó. Tem ainda, o fato que não percebem que reproduzem atitudes similares a de suas mães com os seus filhos pelo mesmo motivo econômico, reproduzindo o círculo vicioso da pobreza.

Na história de Ormindá é presente a questão moral da mãe ao lhe expulsar de casa, rejeitando-a por estar grávida de um homem casado, o qual nunca assumiu responsabilidade alguma. E para além, no município em que morava no Marajó as pessoas sempre comentavam preconceituosamente sobre sua vida, gerando nela desconforto, o que desencadeou para o caminho da exploração sexual, uma saída para a sua sobrevivência após a primeira gravidez. Carregando assim, marcas de estigmas presente em uma sociedade historicamente machista. Por outro lado, Alaíde traz a questão do trabalho infantil tão presente no Marajó ainda na atualidade, que neste caso, repercutiu marcas profundas, além da dor de tudo que viveu, guarda a magoa de ser analfabeta, apesar de ter vindo para Belém estudar e nunca foi à escola. Diante deste contexto, é a mesma realidade marajoara retratada por Dalcídio Jurandir nos seus livros, ou seja, histórias de vida que se repetem.

De sorte, esperamos que este trabalho tenha dado voz a essas mulheres que durante a vida estiveram expostas a todo tipo de vulnerabilidades, assim como preconceitos, para que as suas histórias, sentimentos, representações sociais possam

servir de exemplos que balizem tanto estratégias de enfrentamento a realidade da cooptação de crianças e adolescentes para o mundo da exploração sexual, como da prostituição no decorrer da vida, quanto à criação de políticas públicas e projetos que visem a proteção contra a exploração do trabalho infantil e sexual.

Contudo, foi possível a partir da análise de conteúdo identificar o que está sendo dito a partir da exploração do material, e posterior tratamento de resultados. Foi possível desvelar algumas das consequências que esse trajeto Marajó-Belém cravou nessas mulheres, como: a perda dos laços de afetividade familiar muito cedo, reproduzindo esse desapego pelos laços afetivos em sua prole; a não constituição de suas próprias famílias; a exploração tanto de suas forças de trabalho, quanto de seus corpos; e a sujeição a uma vida de riscos a saúde, de traumas psicológicos, preconceitos sociais e dependência de programas de política de Assistência Social. Esperamos ter cumprido a nossa missão de contribuir para construção de novos patamares no combate à exploração sexual infanto-juvenil no Marajó e a criação novos ardis de proteção social tão necessários para o profissional de Serviço Social.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, E. B. (Org.). **Fator amazônico e a interface com o sistema único de assistência social**. Belém: ICSPA/UFPA, 2013.

FARES, J. A. **Cartografias marajoaras**: cultura, oralidade, comunicação. São Paulo: PUC, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PARÁ (Estado). **Diagnóstico socioeconômico e ambiental da região de integração do Marajó**. Belém: Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará, 2015.

PIACESI, M. A. **O fator amazônico e os desafios para a efetivação do SUAS na região norte**. Belém: ICSPA/UFPA, 2013.

SÊGA, R.A. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, p. 128-133, jul. 2000.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. **Revista Escenferm-USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-126. 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-050-6

